

HENRY MILLER

TRÓPICO
DE CÂNCER

Tradução
BEATRIZ HORTA

3ª edição

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2017

Título do original em inglês
TROPIC OF CANCER

Copyright © 1934 by Henry Miller. Espólio de Henry Miller.
Todos os direitos reservados.

Reservam-se os direitos desta edição à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Tel.: (21) 2585-2000

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br
Tel.: (21) 2585-2000

ISBN 978-85-03-01327-7

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Miller, Henry, 1891-1980
M592t Trópico de Câncer / Henry Miller; tradução de Beatriz Horta. – 3ª ed. –
3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

Tradução de: Tropic of Cancer
ISBN 978-85-03-01327-7

1. Romance norte-americano. I. Horta, Beatriz. II. Título.

17-1724

CDD – 813
CDU – 821.111(73)-3

“Esses romances darão ensejo, aos poucos, a diários ou autobiografias — livros cativantes, apenas se o homem souber escolher entre o que chama de suas experiências e como registrar realmente o real.”

Ralph Waldo Emerson

Estou morando na Villa Borghese. Não tem uma sujeirinha, uma cadeira fora de lugar. Estamos totalmente sós aqui e mortos.

Na noite passada, Bóris descobriu que estava com piolhos. Tive de raspar o sovaco dele e, mesmo assim, a coceira continuou. Como alguém pode ter piolhos num lugar tão bonito como esse? Mas não interessa. Não fossem os piolhos, Bóris e eu jamais nos conheceríamos tão intimamente.

Bóris acaba de me fazer um resumo de suas ideias. É um profeta da meteorologia. Diz que o tempo vai continuar ruim. Vai haver mais calamidades, mais morte, mais desespero. Não há qualquer sinal de mudança em parte alguma. O câncer do tempo está nos corroendo. Nossos heróis se mataram, ou estão se matando. O herói, portanto, não é o Tempo, mas a Ausência de Tempo. Temos de acertar o passo, um passo ritmado, rumo à prisão da morte. Não há saída. O tempo não vai mudar.

É outono no meu segundo ano em Paris. Não tenho ideia do motivo por que me mandaram para cá.

Não tenho dinheiro, recursos nem esperança. Sou o homem mais feliz do mundo. Há um ano, há seis meses, achei que era artista. Não acho mais, eu *sou*. Tudo o que era literatura se soltou de mim. Não há mais livros a serem escritos, benza-o Deus.

E este aqui? Este não é um livro. É uma difamação, uma calúnia, uma falta de caráter. Não é um livro no sentido comum da palavra. Não, este é um longo insulto, uma cusparada na cara da Arte, um chute na bunda de Deus, do Homem, do Destino, do Tempo, do Amor, da Beleza, do que você quiser. Vou cantar para você, meio desafinado talvez, mas vou. Cantarei enquanto você grasna, dançarei em cima do seu cadáver sujo.

Para cantar, é preciso primeiro abrir a boca. Precisa também ter dois pulmões e conhecer um pouco de música. Não precisa acordeão ou violão. O importante é *querer* cantar. Portanto, essa é uma canção. Estou cantando.

É para você, Tânia, que estou cantando. Gostaria de cantar melhor, ser mais afinado, mas aí talvez você quisesse me ouvir. Já ouviu os outros cantarem e não se emocionou. Cantavam bem demais ou não muito bem.

Hoje é dia vinte e poucos de outubro. Já não sei direito os dias. Você diria que meu sonho de 14 de novembro passado permanece? Há intervalos, mas ficam entre sonhos e não consigo lembrar nada sobre eles. O mundo em volta está se dissolvendo, deixa aqui e acolá manchas de tempo. O mundo é um câncer que está se comendo... Acho que, quando o grande silêncio baixar sobre tudo e todos, a música vai finalmente vencer. Quando tudo entrar no ventre do tempo outra vez, o caos voltará, e o caos é onde a realidade é escrita. Você, Tânia, é o meu caos. É a razão para eu cantar. Não sou nem mesmo eu, é o mundo que está morrendo, tirando a pele do tempo. Eu ainda estou vivo, chuto seu ventre, uma realidade sobre a qual escrever.

Sonolência. A fisiologia do amor. A baleia-macho com seu pênis de 1,60m sem ereção. O morcego, *penis libre*. Animais com um osso no pênis. Portanto, um osso no... “Ainda bem que o homem perdeu a estrutura óssea”, diz Gourmont. Ainda bem? É, isso mesmo. Pense na raça humana andando por aí com um osso no pênis. O canguru tem pênis duplo: um para a semana, outro para domingos e feriados.

Sonolência. Uma mulher pergunta por carta se encontrei um título para o meu livro. Título? Claro: *Adoráveis lésbicas*.

Você tem uma *vida cheia de fatos curiosos!* Frase de M. Borowski. Às quartas-feiras, almoço com ele. Preside o encontro a sua mulher, que é uma vaca seca. Ela agora estuda inglês e sua palavra preferida é *filthy*, sujo. Dá para ver logo que o casal é um pé no saco. Mas espera só.

Borowski usa ternos de cotelê e toca acordeão. Uma combinação imbatível, principalmente se levarmos em conta que não é mau acordeonista. Gosta de dizer que é polonês, mas claro que não é. Borowski é judeu, e o pai colecionava selos. Na verdade, quase todo o bairro de Montparnasse é judeu, ou meio judeu, o que é pior. Tem Carl e Paula, Constadt e Bóris, Tânia e Sylvester, Moldorf e Lucille. Todos judeus, exceto Fillmore. Acaba que Henry Jordan Oswald também é judeu. Louis Nichols é. Até Van Norden e Chérie são. Frances Blake é judeu, ou judia. Titus é judeu. Portanto, os judeus nevam em cima de mim. Escrevo este livro para meu amigo Carl, cujo pai é judeu. É importante compreender tudo isso.

De todos, Tânia é a judia mais adorável e por ela eu também virava judeu. Por que não? Já falo como judeu. E sou feio como um judeu. Além disso, quem odeia mais os judeus do que os judeus?

Anoitecer. Céu azul indiano, água de vidro, árvores brilhando, liquescentes. Os trilhos somem no canal em Jaurès. A comprida lagarta, cujas laterais parecem laqueadas, mergulha como uma montanha-russa. Não é Paris. Não é Coney Island. É uma mistura crepuscular de todas as cidades da Europa e da América Central. Os trilhos da estrada de ferro lá embaixo, os trilhos negros se entrelaçam, não por ordem do engenheiro ferroviário, mas do desenho cataclísmico, como aquelas fendas sombrias no gelo polar que a máquina fotográfica registra em tons de preto.

Comida é uma das coisas de que mais gosto. E nessa linda Villa Borghese quase não há comida. De vez em quando é espantoso. Já pedi várias vezes para Bóris trazer pão para o café da manhã, ele sempre

esquece. Acho que toma café na rua. Quando volta, fica palitando os dentes e tem um resto de ovo pendurado no cavanhaque. Ele come no restaurante em consideração a mim. Diz que é doloroso comer muito enquanto eu fico olhando.

Gosto de Van Norden, mas não concordo com a opinião que tem de si mesmo. Não acho, por exemplo, que ele seja um filósofo ou pensador. Ele adora mulher, só isso. E jamais será um escritor. Sylvester também jamais será, embora seu nome brilhe em lâmpadas vermelhas de cinquenta mil velas. Os únicos escritores à minha volta pelos quais tenho algum respeito no momento são Carl e Bóris. Eles são loucos. Têm uma chama branca que brilha dentro. São loucos e insensíveis. São sofredores.

Já Moldorf, que também sofre lá do jeito dele, não é louco. Ele se embriaga com as palavras. Não tem veias ou vasos sanguíneos, nem coração ou rins. É uma mala portátil com várias gavetas etiquetadas com tinta branca, marrom, vermelha, azul, escarlate, amarela, malva, castanho, damasco, turquesa, preto, Anjou, arenque, Corona, verde-acinzentado, gorgonzola.

Mudei a máquina de escrever para a sala ao lado, onde posso me ver no espelho enquanto escrevo.

Tânia é como Irene. Ela espera receber cartas grossas. Mas há outra Tânia, parecida com uma grande semente que espalha seu pólen por toda a parte, ou, digamos, um pouco de Tolstói, uma cena no estábulo em que o feto é desenterrado. Tânia é uma febre também: *les voies urinaires*, Café de la Liberté, Place des Vosges, gravatas brilhantes no Boulevard Montparnasse, banheiros escuros, Porto Sec, cigarros Abdullah, a sonata em adágio *Pathétique*, amplificadores auditivos, sessões anedotais, peitos cor de castanha queimada, grossas ligas de meia, que horas são, faisões dourados recheados com castanhas, dedos de tafetá, crepúsculos vaporosos transformando-se em azevinhos, acromegalia, câncer e *delírio*, véus cálidos, fichas de pôquer, tapetes de sangue e coxas macias.

Tânia diz para todo mundo ouvir:

— Eu o amo!

E enquanto Bóris se encharca de uísque, ela manda:

— Senta aqui! Ah, Bóris. Rússia. O que eu vou fazer? Não aguento mais!

À noite, quando vejo o cavanhaque de Bóris no travesseiro, fico histórico. Ah, Tânia, onde está aquela sua boceta quente, aquelas ligas fartas e pesadas, aquelas coxas macias e cheias? Meu pau tem um osso de quinze centímetros de comprimento. Tânia, vou alargar todas as pregas da sua boceta, cheia de sêmen. Vou mandar você para o seu Sylvester em casa com dor na barriga, o ventre virado do avesso. O seu Sylvester! Sim, ele sabe acender uma lareira, mas eu sei atizar uma boceta. Vou enfiar dardos quentes em você, Tânia, vou deixar seus ovários em fogo. O seu Sylvester está com certo ciúme? Ele sente alguma coisa, não é? Sente os efeitos do meu pau grande. Alarguei um pouco os lados. Passei a ferro as dobras. Depois de mim, você pode ficar com garanhões, touros, carneiros, cisnes, cães São Bernardo. Pode enfiar sapos, morcegos e lagartos pelo reto. Se quiser, pode cagar em arpejos ou dedilhar uma cítara no umbigo. Estou lhe fodendo, Tânia, para que você fique fodida. E se tem medo de ser fodida em público, eu lhe fodo a sós. Vou arrancar alguns pentelhos da sua boceta e grudá-los no queixo de Bóris. Vou morder o seu clitóris e cuspir dois francos em moedas.

Céu claro e azul forte, sem nuvens lanudas, árvores nuas com seus galhos pretos bem esticados gesticulando como um sonâmbulo. Árvores sombrias, espectrais, de troncos pálidos como cinzas de charuto. Um silêncio enorme e totalmente europeu. Venezianas cerradas, lojas fechadas. Um brilho vermelho aqui e acolá para marcar um encontro. Fachadas súbitas, quase proibidas, imaculadas, exceto pelas manchas de sombra das árvores. Ao passar pela Orangerie, sou lembrado de outra Paris, a de Maugham, Gauguin, a Paris de George Moore. Penso naquele espanhol terrível que estava espantando o mundo com seus saltos acrobáticos de todos os estilos. Penso em Spengler e seus terríveis manifestos e me

pergunto se o estilo, no sentido amplo, acabou. Digo que minha mente ocupa-se com esses pensamentos, mas não é verdade; foi só mais tarde, depois que atravessei o Sena e deixei para trás a festa de luzes, que permiti que minha cabeça tivesse essas ideias. Por enquanto, não penso em nada, só que sou um ser sensível, ferido pelo milagre dessas águas que refletem um mundo esquecido. Por toda a margem do rio, as árvores se inclinam, pesadas, sobre o espelho embaçado das águas. Quando o vento sopra e enche as árvores de um som sussurrante, elas pingam algumas lágrimas e estremecem enquanto a água rodopia. Isso me sufoca. Não tenho ninguém a quem possa comunicar uma fração do que sinto.

O problema com Irene é que ela tem uma valise no lugar de uma boceta. Quer cartas grossas para enfiar na valise. Imensas, *avec des choses inouïes*. Já Llona tinha uma boceta. Sei porque ela nos enviou alguns pentelhos. Llona, uma mula selvagem farejando o ar em busca de prazer. Ela era puta em qualquer canto, às vezes até em cabines telefônicas e banheiros. Comprou uma cama para o rei Carol e um caneco para sabão de barba com as iniciais dele. Deitava-se na Tottenham Court Road com o vestido levantado e trepava com os dedos. E também com velas, velas romanas e maçanetas de porta. Não havia um único pau no mundo que a satisfizesse, *um só*. Os homens entravam nela e brochavam. Ela queria paus com fios de extensão que fossem como foguetes explosivos, óleo fervente de cera e creosoto. Se você deixasse, ela era capaz de cortar o seu pau e deixar dentro da boceta para sempre. Llona, que buça! Uma boceta de laboratório, sem papel de tornassol para absorver a cor. E mentia, essa Llona. Jamais comprou uma cama para o seu rei Carol. Coroou-o com uma garrafa de uísque e a língua dela estava cheia de piolhos e coisas assim. Pobre Carol, ele só podia mesmo era brochar e morrer. Ela deu-lhe uma chupada e ele saiu fora como uma lesma morta.

Cartas enormes, grossas, *avec des choses inouïes*. Uma valise sem alças. Um buraco sem chave. A boca de Llona era alemã, as orelhas eram francesas, o rabo era russo. A boceta, internacional. Quando a bandeira tremulava, era vermelha até a garganta. Você entrava no Boulevard Jules

Ferry e saía na Porte de la Villette. Você deixava seu pâncreas nas carroças, carroças vermelhas de duas rodas, claro. Na confluência do rio Ourcq com o Marne, onde a água passa por diques e fica parecendo vidro por baixo das pontes. Llona está deitada lá agora e o canal está cheio de vidro e estilhaços; as mimosas choram e há nas vidraças um peido úmido e farto. Que buça, a Llona! Só boceta, além de uma bunda de vidro na qual se podia ler a história da Idade Média.

À primeira vista, Moldorf é uma caricatura de homem. Tem olhos saltados. Lábios tipo pneus Michelin. Voz com som de sopa de ervilhas. Sob o colete, carrega uma pequena pera. Para onde quer que se olhe, o panorama é igual: caixinha de rapé estilo *netsuke*, alça de marfim, peça de xadrez, leque, motivo de templo. Agitou durante tanto tempo que agora está amorfo. Fermento desprovido de suas vitaminas. Vaso sem a planta de plástico.

No século IX e na Renascença, as mulheres procriavam duas vezes. Nas grandes levas humanas que se dispersavam pelo mundo, ele foi levado em barrigas amarelas e brancas. Muito antes do Êxodo, um tártaro cuspiu no sangue dele.

Seu dilema é o mesmo de um anão. Com seu olho pineal, vê sua silhueta projetada numa tela de tamanho incomensurável. Sua voz, sincronizada com a sombra de uma cabeça de alfinete, o intoxica. Ele ouve um rugido onde outros ouvem apenas um guincho.

Tem também a cabeça. É um anfiteatro onde o ator pode fazer uma interpretação vária. Moldorf, múltiplo e impecável, interpreta seus papéis: de palhaço, ilusionista, contorcionista, padre, devasso, charlatão. O anfiteatro é pequeno demais. Ele joga dinamite lá. A plateia está entorpecida. Ele a controla.

Tento, inutilmente, me aproximar de Moldorf. É como querer se aproximar de Deus, pois Moldorf é Deus, nunca foi outra coisa. Estou apenas anotando palavras.

Já tive algumas opiniões sobre ele, que larguei; outras, estou re-
vendo. Prestei atenção nele e descobri que eu não estava observando
um besouro enrola-bosta, e sim uma libélula. Ele me agrediu com
sua grosseria e depois me oprimiu com sua delicadeza. Ele é volúvel
a ponto de sufocar, depois calmo como o rio Jordão.

Quando vem trotando para me cumprimentar, com as patinhas
estendidas, os olhos úmidos, sinto que estou encontrando... Não, não
devo seguir por aí!

Comme un oeuf dansant sur un jet d'eau.

Ele tem só uma bengala, uma porcaria de bengala. Nos bolsos,
leva pedaços de papel com receitas para *Weltschmerz*. Já se curou e a
alemãzinha que lavava os pés dele está triste. É como o sr. Nulidade
folheando seu dicionário Gujarati por toda a parte. — *Inevitável para
todo mundo* — querendo dizer, claro, *indispensável*. Borowski acharia
tudo isso incompreensível. Borowski tem uma bengala para cada dia
da semana e outra para a Páscoa.

Temos tanta coisa em comum que é como se eu me visse num
espelho quebrado.

Dei uma olhada nos meus manuscritos, páginas rabiscadas com
correções. Páginas de *literature*. Fico um pouco assustado. É tão pare-
cido com Moldorf. Só que eu sou gentio, e os gentios sofrem de outro
jeito. Sofrem sem neurose e, como diz Sylvester, quem nunca teve uma
neurose não sabe o que é sofrer.

Lembro bem de como eu gostava de sofrer. Era como levar um
filhote de animal para a cama. De vez em quando, ele arranha você
e, então, fica-se bem assustado. Em geral, você não tem medo: sempre
é possível soltá-lo ou cortar a cabeça dele.

Tem gente que não resiste ao desejo de entrar na jaula com animais
ferozes e ser arranhado. Entram até sem revólver ou chicote. O medo faz
com que não tenham medo... Para os judeus, o mundo é uma jaula cheia

de animais ferozes. A porta está trancada e ele lá dentro, sem chicote ou revólver, com tanta coragem que nem sente o cheiro do estrume no canto. A plateia aplaude, mas ele não ouve. Acha que o drama está dentro da jaula. A jaula, pensa ele, é o mundo. Fica lá sozinho e indefeso, com a porta trancada, e descobre que os leões não entendem o que ele diz. Nenhum leão jamais ouviu falar em Spinoza. Spinoza? Não podem nem enfiar os dentes nele. “Queremos carne!”, rugem, enquanto ele fica paralisado, ideias congeladas, sua *Weltanschauung* é um trapézio fora do alcance. Basta uma patada do leão para esmagar sua cosmogonia.

Os leões também estão desapontados. Esperavam sangue, ossos, cartilagem, nervos. Eles mastigam sem parar, mas as palavras são como chiclete e chiclete é indigesto. Chiclete é uma goma de mascar à qual se acrescenta açúcar, pepsina, tomilho, alcaçuz. O chiclete, quando colhido por *chicleros*, é bom. Os *chicleros* apareceram na beira de um continente imerso. Trouxeram com eles uma linguagem algébrica. No deserto do Arizona, encontraram os mongóis do Norte, de pele luzidia como berinjela. Tudo isso foi pouco depois da Terra dar sua inclinação giroscópica, quando a Corrente do Golfo estava se separando da corrente japonesa. No fundo do solo, eles encontraram tufo calcário. Enfeitaram as vísceras da Terra com sua linguagem. Comeram as entranhas uns dos outros e a floresta se fechou sobre eles, sobre seus ossos e crânios, sobre seu tufo rendado. A linguagem deles se perdeu. Aqui e ali ainda se descobrem resquícios de uma jaula, uma placa de cérebro cheia de números.

O que tudo isso tem a ver com Moldorf? A palavra que ele tem na boca é anarquia. Diga-a, Moldorf, estou à espera. Ninguém sabe, quando cumprimentamos alguém, os rios que correm por nosso suor. Enquanto você diz coisas, os lábios entreabertos, saliva gorgulhando na boca, eu saltei metade da Ásia. Se eu tivesse pego sua bengala, por mais porcaria que seja ela, e feito um buraco lateral em você, po-

deria juntar material suficiente para encher o Museu Britânico. Ficamos em pé cinco minutos e devoramos séculos. Você é o crivo pelo qual minha anarquia passa e se decompõe em palavras. Atrás da palavra está o caos. Cada palavra é uma tira, um traço, mas não existe, nem nunca existirão, traços suficientes para fazer a trama.

Enquanto eu não estava, puseram cortinas nas janelas. Parecem toalhas de mesa tirolesas mergulhadas em lisol. O quarto respaldece. Sento na cama, tonto, penso no homem antes de nascer. De repente, os sinos começam a tocar, um som estranho e irreal, como se eu tivesse sido levado para as estepes da Ásia Central. Alguns sons são longos e duradouros; outros, emergem bêbados, chorosos. E agora silenciaram de novo, exceto por uma última nota que mal perpassa o silêncio da noite: apenas um fraco toque agudo e abafado como uma chama.

Fiz um pacto tácito comigo de não mudar uma linha do que escrevo. Não estou interessado em melhorar meus pensamentos nem meus atos. Ao lado da perfeição de Turgenev, ponho a perfeição de Dostoiévski. (Existe algo mais perfeito do que *O eterno marido*?) Aqui, portanto, pelo mesmo meio de comunicação, temos duas espécies de perfeição. Mas nas cartas de Van Gogh há uma perfeição que ultrapassa essas. É a vitória do indivíduo sobre a arte.

Hoje, só uma coisa me interessa muito, é registrar tudo o que está omitido nos livros. Ninguém, pelo que sei, usa esses elementos existentes no ar que dão direção e motivação a nossa vida. Só os assassinos parecem tirar da vida parte da satisfação que colocam nela. A época exige violência, mas estamos conseguindo apenas explosões abortivas. As revoluções são abafadas na origem ou duram muito pouco. A paixão se esgota logo. Os homens desistem das ideias, *comme d'habitude*. Não se propõe nada que possa durar mais de 24 horas. Vivemos um milhão de vidas no espaço de uma geração.

Na entomologia, ou no estudo da vida no fundo do mar, ou das atividades celulares, obtemos mais.

O toque do telefone interrompe essa ideia, que eu jamais conseguiria terminar. Vem alguém alugar o apartamento...

Parece que acabou a minha vida na Villa Borghese. Bom, vou juntar essas páginas e me mudar. As coisas acontecerão em outro lugar. Sempre acontecem. Parece que para onde quer que eu vá tem drama. As pessoas são como os piolhos, entram na sua pele e grudam. A gente se coça até sangrar, mas nunca está totalmente despiolhado. Em todo canto aonde vou as pessoas estão criando uma confusão. Cada um tem sua tragédia pessoal. Está no sangue agora: a infelicidade, o tédio, a aflição, o suicídio. O ambiente está cheio de problemas, frustração, futilidade. Coce sem parar, até não sobrar mais pele. Mas o efeito em mim é hilariante. Em vez de desanimar ou ficar deprimido, eu gosto. Cada vez choro por mais problemas, por calamidades cada vez maiores, por fracassos maiores. Quero que o mundo inteiro se arrebente, quero que todos se cocem até morrer.

Estou tão determinado a viver depressa e intensamente que não tenho tempo de escrever nem essas notas fragmentadas. Depois do telefonema, chegou um senhor com a mulher. Fui ao andar de cima para me deitar enquanto acertavam a negociação. Fiquei lá deitado, pensando em que movimento eu faria a seguir. Certamente, não seria voltar para a cama da bicha e ficar a noite inteira rolando de um lado para outro, afastando migalhas de pão com os dedos dos pés. Aquele filho da puta nojento! Se existe coisa pior do que ser viado é ser sovina. Um viadinho delicado que estava sempre com medo de um dia ficar sem dinheiro, no dia 18 de março, talvez, ou exatamente no 25 de maio. Café sem leite nem açúcar. Pão sem manteiga. Carne sem molho,

ou nada de carne. Sem isso e sem aquilo! Aquele miseravelzinho sujo! Um dia, abri a gaveta da escrivaninha e achei dinheiro escondido dentro de uma meia. Mais de dois mil francos e cheques que ele não tinha nem descontado. Eu não ficaria tão irritado se não encontrasse sempre borra de café na minha boina e lixo no chão, sem falar nos potes de creme, nas toalhas engorduradas e na pia sempre entupida. Além do mais, o filho da puta fedia, exceto quando se enchia de água de colônia. Tinha orelhas sujas, olhos sujos, bunda suja. Tinha juntas moles, era asmático, piolhento, insignificante, mórbido. Eu podia ter perdoado tudo, se ele ao menos me desse um café da manhã decente! Mas um sujeito que tem dois mil francos escondidos numa meia suja e se recusa a usar uma camisa limpa ou a passar um pouco de manteiga no pão, um sujeito desse não é só viado, não é só miserável: é imbecil!

O problema com o viado não é bem esse. Estou atento ao que se passa no andar de baixo. Trata-se de um tal sr. Wren e a mulher, que ligaram querendo combinar uma visita ao apartamento. Estão falando em ficar com ele. Só *falando*, benza-o Deus. A sra. Wren ri à toa, o que indica complicações pela frente. Agora o *senhor* Wren está falando. Tem a voz rouca, arranhada, ribombante, como se fosse uma arma pesada que abre caminho na carne, nos ossos e na cartilagem.

Bóris chama-me para ser apresentado. Esfrega as mãos como um agiota. Falam num conto que o sr. Wren escreveu sobre um cavalo doente.

— Mas o sr. Wren não é pintor?

— É, mas no inverno, escreve. E escreve bem, muito bem — responde Bóris, com brilho nos olhos.

Tento fazer o sr. Wren falar, dizer alguma coisa, qualquer que seja, falar do cavalo doente, se preciso. Mas o sr. Wren é quase inarticulado. Quando tenta falar naqueles meses terríveis em que enfrenta a pena de escrever, fica incompreensível. Leva meses para colocar uma palavra no papel. (E o inverno tem apenas três meses!) O que ele pensa em todos esses meses de inverno? Porra, não consigo ver esse cara como

escritor. Mas a sra. Wren diz que quando ele se senta para escrever a coisa *simplesmente jorra*.

A conversa segue à deriva. Difícil acompanhar o pensamento do sr. Wren, pois ele não diz nada. “Ele pensa enquanto fala”, como diz a sra. Wren. Ela coloca tudo o que se refere ao sr. Wren da forma mais interessante. Ele pensa à medida que fala, muito encantador, realmente encantador, como diria Borowski, mas bem sofrido, principalmente quando o pensante é apenas um cavalo doente.

Bóris me dá dinheiro para comprar bebida. Só de buscar a bebida, já fico de porre. Já sei como começar, na volta. Penso enquanto desço a rua, o grande discurso borbulha dentro de mim como o riso solto da sra. Wren. Tenho a impressão de que ela já está meio excitada. Ouve atenta, quando está bêbada. Ao sair da loja de bebidas, ouço o borbulhar urinal. Está tudo solto e molhado. Quero que a sra. Wren ouça.

Bóris esfrega as mãos outra vez. A sra. Wren continua gaguejando e falando sem parar. Estou com uma garrafa de vinho entre as pernas e enfio o saca-rolhas. A sra. Wren fica com a boca entreaberta, à espera. O vinho derrama no meio das minhas pernas, o Sol se derrama pela janela; em minhas veias, milhares de coisas loucas borbulham, esparramam-se e começam a jorrar de mim numa confusão. Digo a eles tudo o que vem à minha cabeça, tudo o que estava fechado dentro de mim e que o riso solto da sra. Wren de certa maneira liberou. Com aquela garrafa no meio das pernas e o Sol se derramando pela janela, sinto mais uma vez o esplendor daqueles dias miseráveis em que cheguei a Paris, um cara confuso e sem dinheiro que assombrava as ruas como um fantasma num banquete. Tudo me vem à cabeça de supetão: as privadas que não funcionavam, o príncipe que engraxou meus sapatos, o Cinema Splendide onde dormi em cima do casaco do proprietário, as grades na janela, a sensação de sufoco, as baratas gordas, as eventuais bebedeiras e farras, Rose Canaque e Nápoles desfalecendo sob o Sol. Dançar na rua de barriga vazia e de vez em quando procurar gente estranha, como madame Delorme, por exemplo. Não sei mais como cheguei até madame

Delorme. Mas cheguei, consegui entrar, passei pelo mordomo, pela criada com seu aventalzinho branco, entrei no palácio com minhas calças de cotelê e minha jaqueta de caça (e sem um botão na braguilha). Até agora sinto o ambiente dourado do quarto onde madame Delorme estava num trono com seu estranho traje masculino, os peixes dourados nos aquários, os mapas do mundo antigo, os livros lindamente encadernados. Sinto outra vez sua mão pesada em meu ombro, assusto-me um pouco com seu jeitão lésbico. Era mais simpático lá embaixo, com aquela confusão de gente entrando na Gare St. Lazare, as putas nas portas, garrafas de gasosa em todas as mesas, uma onda espessa de sêmen enchendo as sarjetas. Entre cinco de tarde e sete da noite, nada melhor do que ser empurrado naquela multidão, seguir umas pernas ou uns belos peitos, acompanhar a maré com tudo rodopiando na cabeça. Um tipo estranho de alegria, naquela época. Nenhum compromisso, nenhum convite para jantar, nenhum programa, dinheiro algum. Época de ouro, quando eu não tinha um único amigo. A cada manhã, a horrível caminhada até a agência do American Express e a cada manhã a inevitável resposta do funcionário. Dar encontrões aqui e ali como um percevejo, pegar guimbas de cigarro de vez em quando, de jeito às vezes disfarçado, às vezes descarado, me sentar num banco e apertar as tripas para pararem de doer, ou andar pelo Jardin des Tuileries e ter uma ereção ao olhar para as estátuas mudas. Ou andar sem rumo à margem do Sena à noite, andar sem parar e me maravilhar com a beleza do rio, as árvores debruçadas sobre ele, as imagens partidas na água, o barulho da correnteza sob as luzes sangrentas das pontes, as mulheres dormindo nas portas, em cima de jornais, dormindo na chuva. Em toda a parte, os pórticos bolorentos das catedrais e os mendigos, piolhos e bruxas velhas com dança de São Vito; carrocinhas amontoadas como barris de vinho nas ruas laterais, o cheiro das frutas no mercado e a velha igreja cercada de legumes e luzes azuis em arco, as sarjetas escorregadias de lixo e as mulheres de salto de cetim tropeçando no meio da sujeira e da ralé ao final de uma bebedeira que durou a noite toda. A Place St. Sulpice, tão

calma e deserta, onde lá pela meia-noite vinha sempre a mulher com o guarda-chuva estropiado e o véu doido; toda noite dormia num banco, embaixo do guarda-chuva torto, as varetas caídas, o vestido ficando verde, os dedos ossudos e o cheiro de decadência exalando do corpo. De manhã, eu é que ficava lá no banco, dava uma tranquila dormida ao Sol, xingava os malditos pombos que ficavam em volta de migalhas por todo canto. St. Sulpice! Os gordos campanários, os cartazes espalhafatosos na porta, as velas ardendo lá dentro. A praça que Anatole France tanto amava, com aquele sussurro e murmúrio vindo do altar, a água jorrando da fonte, os pombos arrulhando, as migalhas sumindo como por mágica e só um ronco pesado no oco das tripas. Eu ficava sentado lá dias seguidos, pensando em Germaine e naquela ruazinha suja perto da Bastille onde ela morava e aquele mexe-mexe por trás do altar, os ônibus que passam silvando, o Sol batendo no asfalto, o asfalto entrando em mim e em Germaine, dentro do asfalto e Paris inteira nos grandes e gordos campanários.

Há apenas um ano, Mona e eu costumávamos andar na Rue Bonaparte toda noite, depois de nos despedirmos de Borowski. Na época, St. Sulpice não significava muita coisa para mim, nem nenhum outro lugar em Paris. Eu não aguentava mais conversar. Estava cheio daquelas caras. Não aguentava mais catedrais, praças, jardins zoológicos e não sei mais o quê. Estava cheio de pegar um livro no quarto vermelho e da desconfortável cadeira de vime; cheio de sentar a bunda o dia todo, cheio do papel de parede vermelho, de ver tanta gente falando sem parar sobre nada. O quarto vermelho e a mala sempre aberta; as roupas dela esparramadas numa bagunça delirante. O quarto vermelho com minhas galochas e bengalas, os cadernos de anotação que jamais toquei, os manuscritos frios e mortos. Paris! Querendo dizer o Café Select, o Dôme, o Mercado das Pulgas, o American Express. Paris! Significando as bengalas de Borowski, os chapéus de Borowski, os *gouaches* de Borowski, o peixe pré-histórico de Borowski — e suas piadas pré-históricas. Daquela Paris do ano 1928, só uma noite ficou na minha memória: a

de antes de embarcar no navio para os Estados Unidos. Uma noite rara, com Borowski ligeiramente alto e meio aborrecido comigo porque eu dançava com qualquer vagabunda do local. Mas vou embora de manhã! É o que digo para toda puta que encontro: *Vou embora de manhã!* É o que digo para a loura com olhos cor de ágata. Enquanto falo, ela pega minha mão e a aperta no meio das pernas. No banheiro, fico de pé na frente da pia com uma enorme ereção que parece ao mesmo tempo pesada e leve, como um pedaço de chumbo com asas. Estou lá e duas putas americanas aparecem. Cumprimento-as cordialmente, com o pau na mão. Elas piscam para mim e passam. No saguão, enquanto abotoo a braguilha, vejo uma delas esperando a amiga sair do toailete. A música continua e talvez Mona venha logo me procurar, ou Borowski com sua bengala de cabo dourado, mas estou nos braços dela, ela me agarra e não quero saber o que pode ou vai acontecer. Entramos de qualquer jeito no toailete e levanto a puta, empurro-a contra a parede, tento penetrá-la, mas não consigo, então nos sentamos na privada e tento, mas também não conseguimos. Tentamos de todo jeito, não dá. Ela continua segurando meu pau como se fosse um salva-vidas, não adianta, estamos muito excitados, muito ansiosos. A música continua e vamos dançando outra vez do toailete até o saguão, e enquanto dançamos lá no toailete, eu esporro no lindo vestido dela e ela fica uma fera. Tropeço até a mesa e encontro Borowski com sua cara vermelha e Mona com seu olhar crítico. Borowski diz:

— Amanhã, vamos todos para Bruxelas.

Concordamos, voltamos para o hotel e eu vomito em cima de tudo, da cama, da pia, das roupas, vestidos, galochas, bengalas, dos cadernos de anotação que jamais toquei e nos manuscritos frios e mortos.

Alguns meses depois. Mesmo hotel, mesmo quarto. Olhamos o pátio onde as bicicletas estão estacionadas e lá em cima, no quartinho sob o sótão, algum esperto e jovem Alec toca fonógrafo o dia inteiro e repete coisinhas inteligentes o mais alto que consegue. Digo *nós*, mas estou me precipitando, pois Mona esteve fora um bom tempo e só hoje vou

encontrá-la na Gare St. Lazare. À tarde, fico lá com a cara espremida entre as grades, mas nada de Mona e leio o cabograma outra vez; não adianta. Volto para o Quartier, como sempre, faço uma lauta refeição. Mais tarde um pouco, andando pelo Dôme, de repente vejo uma cara abatida e pesada, de olhos rútilos e o vestidinho de veludo que sempre adorei porque embaixo do veludo macio estavam sempre os peitos cálidos, as pernas de mármore, frias, firmes, musculosas. Ela se destaca num mar de caras e me abraça, me abraça apaixonadamente: milhares de olhos, narizes, dedos, pernas, garrafas, janelas, bolsas, pires olhando e nós perdidos nos braços um do outro. Sento ao lado dela e ela fala sem parar. Notas destrutivas de histeria, perversão, lepra. Não ouço uma palavra porque ela é linda, eu a amo, agora estou feliz e querendo morrer.

Descemos a Rue du Château, procurando Eugene. Atravessamos a ponte sobre a estrada de ferro onde eu costumava olhar os trens saindo e sinto uma dor ao pensar onde ela deve estar. Merda. Andamos pela ponte e é tudo macio e encantador. A fumaça passa entre nossas pernas, os trilhos rangem, há sinais de trânsito no nosso sangue. Sinto o corpo dela perto do meu (todo meu agora) e paro de esfregar as mãos no veludo cálido. Tudo à nossa volta está ruindo, ruindo, e o corpo cálido sob o vestido cálido anseia por mim.

De volta ao mesmo quarto e com cinquenta francos de sobra, graças a Eugene. Olho para o pátio, o fonógrafo não está tocando. A mala está aberta e as coisas dela estão jogadas em todo canto, exatamente como antes. Ela está deitada na cama, de roupa. Uma vez, duas, três, quatro, acho que ela vai enlouquecer na cama, embaixo dos lençóis; como é bom sentir o corpo dela outra vez! Mas por quanto tempo? Será que dessa vez dura? Pressinto que não.

Ela fala com pressa, como se não houvesse amanhã.

— Para, Mona! Olhe para mim, *fique quieta!*

Finalmente, adormece e tiro meu braço debaixo dela. Fecho os olhos. Seu corpo está ali ao meu lado, vai continuar ali até de manhã, sem dúvida. Foi em fevereiro que saí do porto numa tem-

pestade de neve tão densa que era impossível enxergar. A última lembrança que tenho é ela na janela, dando adeus para mim. Um homem no outro lado da rua, na esquina, o chapéu puxado sobre os olhos, a papada caída na lapela. Um feto me olhando. Um feto de charuto na boca. Mona na janela, dando adeus. Cara branca e pesada, os cabelos desgrenhados. E agora estou num quarto abafado, respirando normalmente por minhas guelras, a seiva ainda escorre no meio das pernas dela, um cheiro quente e felino e o seu cabelo na minha boca. Meus olhos estão fechados. Respiramos quente um na boca do outro. Bem perto, os Estados Unidos estão a cinco mil quilômetros de distância. Nunca mais quero ir lá. Ficar com ela aqui na cama, respirando em mim, os cabelos na minha boca, acho isso uma espécie de milagre. Nada pode acontecer até de manhã.

Acordo de um sono profundo e olho-a. Uma luz pálida escoo lentamente. Olho seus lindos e desgrenhados cabelos. Sinto uma coisa passar no pescoço. Olho-a de novo, mais perto. Seu cabelo está vivo. Puxo o lençol e há mais cabelos. Um enxame de cabelos sobre o travesseiro.

Pouco depois do amanhecer, arrumamos tudo rápido e saímos do hotel. Os cafés ainda estão fechados. Andamos, ao mesmo tempo que nos coçamos. O dia começa numa brancura láctea, o céu com tiras de rosa-salmão, as lesmas saindo de suas conchas. Paris. Paris. Tudo acontece aqui. Velhos muros desmoronando e o som agradável da água correndo nos mictórios. Homens lambem os bigodes no bar. Venezianas são abertas com estalo e pequenas correntes remoinham nas sarjetas. *Amer Picon* em grandes letras escarlates. Ziguezague. Para onde vamos, por que, onde, o quê?

Mona está com fome e seu vestido é fino. Só tecidos de noite, vidros de perfume, brincos exagerados, pulseiras, cremes depilatórios. Sentamos na sala de um bilhar na Avenue du Maine e pedimos café quente. O banheiro está com defeito. Teremos de ficar lá um pouco antes de irmos para outro hotel. Enquanto isso, catamos piolhos um

na cabeça do outro. Nervosa. Mona está perdendo a paciência. Precisa tomar banho. Precisa disso, precisa daquilo. Precisa, precisa, precisa.

— Quanto dinheiro você ainda tem?

Dinheiro! Tinha esquecido completamente.

Hôtel des États-Unis. Um *ascenseur*. Vamos para a cama em plena luz do dia. Quando levantamos, já é noite e a primeira coisa a fazer é conseguir dinheiro para mandar um cabograma para os Estados Unidos. Um cabo para o feto de charuto comprido e gosmento na boca. Enquanto isso, há a espanhola no Boulevard Raspail, sempre disposta a servir uma refeição quente. De manhã, alguma coisa vai acontecer. Pelo menos vamos para a cama juntos. Sem percevejos. Começou a estação das chuvas. Os lençóis são imaculadamente brancos.